A INFAMILIARIDADE DE CORALINE E SEU MUNDO SECRETO[1]

A STRANGENESS OF CORALINE AND HER SECRET WORLD

Anna Luiza Cavalcante Ferreira Dias[2]

O presente texto tem como objetivo analisar como o filme “Coraline e o Mundo Secreto” pode se articular ao conceito psicanalítico de infamiliaridade, mostrando as ideias em comum que os dois trazem. Para isso, começaremos abordando a importância do cinema, como uma arte de reprodutibilidade, na construção da identidade das massas, e como ele em certo momento pode abordar conceitos políticos, sociais e psicológicos. Depois disso, analisaremos o enredo do filme, destacando os pontos mais importantes na construção e como tudo isso vai conseguir se mesclar com o conceito cunhado por Freud, e sua relação, mostrando que essas ideias podem estar presentes, mesmo em um filme de horror infantil.

Segundo Benjamin (1955), a técnica da reprodução serve para destacar o domínio da tradição do objeto reproduzido. Ou seja, isso é essencial quando estamos discutindo o cinema como uma forma de arte. O autor demonstra que as antigas formas de arte eram muito mais preocupadas com autenticidade, tradição e etc. Porém, o cinema desconstrói um pouco esse processo de produção artística, pensando em outros aspectos importantes para sua reprodução. Enquanto, muitas obras vinham do culto ao belo, da capacidade de transformar processos mágicos e ritualísticos, em alguma forma de arte, principalmente a pintura, a produção cinematográfica se coloca em um aspecto de criação coletiva, visto que, há muitas pessoas envolvidas no processo criativo. Junto com isso também, o cinema, principalmente quando ele começou a ser falado, levou mais pessoas a saírem de casa para apreciar essa arte.

[1] Recebido em 02/08/2025. Aprovado em 06/08/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17053128
[2] Instituto Federal do Rio de Janeiro. aluizadias@letras.ufrj.br

> E isso não somente porque com ele as massas voltaram a frequentar as salas de cinema, como porque criou vínculos de solidariedade entre os novos capitais da indústria elétrica e os aplicados na produção cinematográfica, Assim, se numa perspectiva externa, o cinema falado estimulou interesses nacionais, visto de dentro ele internacionalizou a produção cinematográfica numa escala ainda maior (Benjamin, p. 4).

Além disso, podemos dizer que o cinema foi um aspecto muito importante quando falamos da construção das identidades. Em sua obra, Canclini (1997) escreve sobre como em um primeiro momento, os discursos, livros, museus e rituais cívicos foram muito importantes para trazer as histórias fundadoras e de resistência dos países. Porém, com o advento do rádio e do cinema, isso ganhou ainda mais força. Ambos trouxeram de certa forma novidades às narrativas, deixando-as mais emocionantes, e também trazendo um certo aspecto de coletividade, pois eram responsáveis por mostrar às pessoas, diferentes formas de cultura, conectando-as.

> Os noticiários que começaram a pôr em contato zonas distantes, assim como os filmes que ensinavam às massas de imigrantes como viver na cidade, tratando dos conflitos interculturais, propunham novas sínteses possíveis da identidade nacional em transformação (Canclini, p. 140).

Ou seja, é possível perceber que o cinema foi responsável por não só, ajudar na construção das identidades, mas também de enaltecer e de embelezar muita coisa, sem esquecer de colocar um cunho político e social em cada uma dessas coisas. Isso é perceptível quando mostramos, por exemplo, os filmes de herói que tiveram uma grande explosão de popularidade, que de certa forma, pode ser vista em um pequeno declínio. Estes, sempre trazem histórias cheias de ação, em que, em sua maioria, deixam muito claro o posicionamento político dos EUA, e na maioria das vezes, o vilão é sempre um outro, que pode vir de um país inimigo da nação, ou de algum outro planeta. Em todos os casos, eles querem dominar, ter acesso a armamento bélico, e restringir uma suposta liberdade da população. Geralmente, os heróis do filme, são, em sua maioria, personagens que respeitam o ideal de estereótipo dos estadunidenses, usando uniformes com cores muito parecidas com a bandeira dos EUA. Em sua maioria, eles sempre estão dispostos a agir com diálogo, de forma limpa

e honesta, e somente partem para a violência, quando encontram uma certa resistência do vilão.

Entretanto, é possível perceber que há uma certa mudança quando nos deparamos com o cinema de horror. Apesar de muitos filmes do gênero colocarem a ideia de horror sempre no outro, e manterem, de certa forma, as construções sociais, também temos, por outro lado, filmes que batem um pouco nesse conceito, e de certa forma, fazendo críticas sociais muito pertinentes. Um exemplo mais recente, é o filme “Get Out” dirigido por Jordan Peele, e lançado no ano de 2017. Nele, conhecemos a história de Chris (Daniel Kaluuya), um jovem afro-americano que está viajando com Rose (Allison Williams), sua namorada branca, para conhecer sua família. Lá, ele passa por diversas situações de cunho racista, até perceber que está envolvido em uma situação terrível. O filme, além de trazer a novidade de colocar pessoas brancas como as vilãs, uma coisa bastante incomum, também tem críticas muito pertinentes a como a escravidão ainda pode ser vista, mas de maneira mais suavizada, principalmente por uma parcela mais liberal. Além disso, a forma que o desaparecimento de pessoas negras em detrimento às brancas é um assunto muito bem trabalhado pelo diretor.

Com isso, podemos perceber então, que o cinema, principalmente o gênero horror, trata de temas sociais e ligados à identidade, e com isso, também pode tratar de conceitos sociológicos, políticos, antropológicos e psicológicos. É, na verdade, muito comum percebermos, alguns aspectos de conceitos de psicologia e da psicanálise retratados em filmes.

No filme de 2009 “Coraline e o Mundo Secreto”, dirigido por Henry Sellick, vemos a história de Coraline Jones, uma menina de 11 anos que se muda com sua família para o Palácio Rosa. Lá, em uma portinha em sua nova casa, descobre uma passagem secreta que a leva a um outro mundo.

Coraline deixa Pontiac, no Michigan, para se mudar para a cidade de Ashland no Oregon. Além de ter que lidar com a mudança para uma nova casa, ela terá que se acostumar com seus novos vizinhos excêntricos e um garoto chamado Wybe que

mora com sua avó, que é a dona do Palácio Rosa. Junto com isso, a menina acaba tendo que superar também a falta de atenção dos pais, que tão ocupados com seus afazeres profissionais, não prestam atenção nela, nem estão dispostos a ajudá-la a se acostumar com o novo local.

Em um dia em que é proibida pela mãe de sair de casa para não se sujar de lama, Coraline ganha uma bonequinha de Wybe, a qual ele diz que achou no baú de sua avó. A boneca é igual a ela, com os cabelos azuis, a capa de chuva e as galochas, porém seus olhos são de botão. Durante uma excursão dentro de casa, a boneca desaparece e reaparece em outro lugar, fazendo com que ela encontre uma portinha minúscula em um cômodo da casa. Ao abrir, percebe que ela dá para uma parede de tijolos e se sente frustrada. Porém, durante seu sono, um camundongo aparece em seu quarto, e ao abrir a porta, ela descobre um túnel azul e roxo. No final dele, tem uma outra versão de sua casa, mais agradável, aconchegante e colorida. Seus Outros Pais têm botões no lugar dos olhos, e são totalmente devotados à sua criação, fazendo jantares incríveis, cantando músicas e dando o carinho que ela não tem em sua realidade.

A mãe se apresenta nesse primeiro momento como sua Outra Mãe, e chama seu pai de Outro Pai, a personalidade dos outros pais dela é totalmente contrária à dos pais originais. Por exemplo, durante a chegada em sua nova casa, Coraline se queima com um galho de uma planta venenosa. Ao mostrar aos seus pais, eles fazem pouco caso da situação. Porém, os outros pais não só se importam, como tentam aliviar o problema. No outro mundo, sua mãe cozinha refeições enormes e deliciosas, e faz um enorme banquete, com direito a milkshake e sobremesa. Após o jantar com seus outros pais, eles a colocam na cama, seu quarto é totalmente diferente do original, tendo todas as coisas que ela quer. Ao dormir lá, ela acorda pela manhã, e tudo pareceu um sonho, já que a portinha está fechada novamente.

No dia seguinte, ao entregar uma correspondência para seus vizinhos, um senhor que era um artista de circo que treina camundongos e duas senhoras que foram grandes e belas atrizes quando jovens, ela percebe que eles são bem

excêntricos, porém de alguma forma, ambos tentam, com a ajuda dos próprios camundongos e da leitura na folha de chá, avisá-la que ela corria perigo entrando por aquela porta. Ao ir dormir, novamente, Coraline segue um dos ratinhos e entra pelo portal. Lá, sua Outra Mãe, que agora pede para ser chamada de “Melhor Mãe”, está preparando o jantar. Além de ter mais uma refeição deliciosa, seu Outro Pai plantou um jardim exatamente do jeito que ela queria e pedia ao pai de verdade. Outros duplos aparecem a partir daqui, como o de Wybe e de seu vizinho. Nesse mundo, o outro Wybe não fala, uma mudança feita pela Outra Mãe com o objetivo de que ele fosse mais agradável para ela. O vizinho também é diferente, sendo menos excêntrico e tendo um show de camundongos que faz sucesso. Apesar de novamente, tudo parecer um sonho quando ela acorda, dessa vez, ela encontra os restos do queijo que os camundongos estavam comendo na noite anterior, colocando em dúvida tudo que ela estava vivendo não era somente um sonho.

Apesar disso tudo, ela precisa lidar com a rotina caótica e desatenta dos pais outra vez, e se frustra por eles não só não prestarem atenção, como ainda por cima, com a mãe não respeitar seus desejos e vontades, ou a forma que gostaria de se vestir na nova escola. Ao voltar para casa, e ficar sozinha, Coraline atravessa a passagem, e novamente, vê todos os seus desejos serem atendidos. Dessa vez, o gato preto que Wybe alimenta também está lá, e ela descobre que no outro mundo, ele pode falar. Ele explica que a Outra Mãe não gosta muito dele, e sempre tenta expulsá-lo. Ela fica feliz vendo um show das vizinhas, e ao voltar para a outra casa recebe um presente dos Outros Pais: botões. Tudo que ela precisa fazer, é colocá-los no lugar dos olhos e todos os seus desejos serão atendidos.

Ela recusa e vai embora, e o gato mostra para ela que a maioria das coisas ali são projetadas pela Outra Mãe, e que os seres vivos são feitos de areia, para que tudo fosse agradável a ela. Além disso, ela descobre que isso aconteceu com crianças antes dela. Ao voltar para casa, se dá conta que seus pais foram levados com o objetivo de convencê-la a entregar seus olhos. Com isso, Coraline e o gato voltam ao Outro Mundo para resgatar seus pais e os olhos das crianças. Ela faz um acordo com

a Outra Mãe para que fizessem um jogo, e se ela ganhasse voltaria com os pais e os olhos dos outros, mas se a Outra Mãe ganhasse, ela trocaria seus olhos por botões.

No fim, Coraline consegue derrotá-la, libertar as crianças e seus pais. A Outra Mãe ainda tenta roubar a chave do portal de volta, mas o gato, Wybe e ela conseguem jogar tudo no poço. O filme termina com a menina e seus pais, que não lembram de nada do que aconteceu, recebendo os vizinhos em uma festa, e as coisas parecendo um pouco melhores.

O filme traz muito da ideia do conceito psicanalítico do infamiliar em seus elementos, principalmente, quando pensamos na ideia de duplo, dos bonecos que se mexem, nas coisas feitas de areia, os olhos que são substituídos por botões.

O conceito Das Unheimliche foi estabelecido em um ensaio escrito pelo psicanalista Sigmund Freud no ano de 1919. Em alemão, heimliche significa familiar, ou seja, o sentimento está falando de familiaridade, e o prefixo un- antes da palavra traz a ideia de não. Por muitos anos, o termo recebeu diversas traduções, como “estranho”, “insólito”, “inquietante”, “outro”, etc. Porém, o termo que pode ser considerado mais parecido com o original é “infamiliar”, visto que, na construção morfológica, temos o prefixo in-, que é ligado a palavra não, inserido a palavra familiar, tomando a forma de “infamiliar”.

Entretanto, apesar de, à primeira vista, a ideia do termo seja somente de parecer que estamos falando de algo que “não é familiar”, percebemos que não é bem esse o conceito dele para o termo. O psiquiatra Ernst Jentsch, em um ensaio de 1906, define o termo como “a estranheza de uma nova situação, em que o paciente não sabe como proceder”. Ele coloca que é possível que situações que sejam familiares, porém, ao mesmo tempo estranhas, produzem um momento de “incerteza intelectual”, que pode ser remetido a esse termo.

O autor também busca referências em E.T.A. Hoffman, que escreveu o conto “O Homem de Areia”, publicado em 1817. Neste, vemos a história de um homem chamado Natanael. Ele está contando a um amigo a experiência que teve, em que um

homem bateu em sua porta, para vender barômetros. O vendedor lhe trouxe uma memória de infância, o que fez com Natanael ficasse assustado e o expulsasse dali.

A partir daí, vemos uma lembrança de sua infância, em que ele lembra que sua babá o colocava na cama, dizendo que se não dormisse, o Homem de Areia iria pegar seus olhos. Porém, um dia, ao se esconder no escritório do pai para saber quem era o homem, o vê conversando com seu advogado, e ao ser descoberto, é ameaçado de ter os olhos arrancados e acaba desmaiando. Um tempo depois, o tal homem de areia explode seu pai.

Natanael reconhece no vendedor de barômetros, o homem que era advogado do pai, e isso mexe com suas lembranças. Para que o homem não o perturbe mais, ele compra um binóculo dele, ao usar o binóculo vê Olímpia, por quem se apaixona perdidamente. Só que, ao descobrir que Olímpia não é uma mulher, e sim uma boneca, ele acaba enlouquecendo e é internado. Depois de recuperado, quando olha a boneca no binóculo novamente, tenta matar a noiva e por fim, se suicida.

O autor entende neste conto que o elemento misterioso e que causa a estranheza e a incerteza é a boneca Olympia, por ela parecer muito como uma pessoa real, fazendo com que o personagem principal enlouqueça ao descobrir que ela não é uma pessoa de verdade. Podemos perceber então, que o conceito de Jentsch passa pelos bonecos, e como eles podem ser figuras assustadoras, por parecerem muito reais. Esse conceito pode ser visto, principalmente, na ideia de bonecos de cera, que, em sua maioria, são feitos para serem muito parecidos com as pessoas, trazendo uma sensação de estranhamento quando são de fato.

Neste artigo, trabalhamos com o conceito de Freud, que foi escrito após a publicação do psiquiatra Ernst Jentsch e faz algumas críticas ao que ele tratou em seu ensaio. Para ele, o conceito não está tão ligado à estranheza física, mas sim ao inconsciente e à subjetividade do ser. A ideia de infamiliaridade necessita de algo mais que um boneco, ou algo palpável, mas na verdade, algo familiar que foi, de alguma forma, recalcado. Para Freud, o aterrorizante é algo, na verdade, muito íntimo e conhecido por quem experimenta tal sensação.

> A palavra alemã unheimlich [infamiliar] é, claramente, o oposto de heimlich [familiar], doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque não seria conhecido e familiar. Mas, naturalmente, nem tudo que é novo e que não é familiar é assustador; a relação não é reversível (Freud, p. 54).

Além disso, se formos tratar desse sentimento com as crianças, temos outras percepções. Em certo ponto do ensaio, ele explora o caso de uma criança de 8 anos que confessava encarar suas bonecas, para saber se elas tomariam vida. Nesse caso, ela não sentia medo de que isso acontecesse, até desejava que tal fato pudesse ocorrer. Por isso, ele diz que esse sentimento nem sempre pode estar ligado ao medo infantil, mas a um desejo, ou até a crença em alguma coisa.

No filme Coraline é possível percebermos essa situação. Ao perceber que a boneca nova, que parece com ela se mexeu, a menina não sente medo, ou estranha isso de alguma forma. Na verdade, esse fato não traz qualquer sentimento negativo, parecendo algo que segue o fluxo de sua imaginação.

Ao abordarmos a ideia do duplo, podemos perceber alguns pontos a serem trabalhados. Os duplos dos pais são sempre sorridentes e correspondem à ideia de família que Coraline acredita ser a que melhor se encaixa em seus desejos. Em seu mundo original, seus pais trabalham demais, e pouco tempo tem para ela ou para fazer o que quer. Há uma necessidade de recalcar as fantasias infantis, pela ausência de amor dos pais. Os Outros Pais já estão sempre prontos para fazerem o que a menina acredita que sejam as tarefas que bons pais fazem. A Outra Mãe além de cozinhar muito bem, e fazer banquetes, sempre está disposta a cuidar, e respeitar os desejos dela, como o modo de se vestir. Já, o Outro Pai é mais artístico, e está sempre cantando e tocando um instrumento ou produzindo alguma arte que sirva para mostrar seu amor à filha. O desconforto, a infamiliaridade está justamente na perfeição doméstica que a menina almeja para seu lar. Ao agirem como as cartilhas dizem que uma família deve agir, eles estão, na verdade, tecendo uma teia para que ela fique presa naquilo. Apesar de parecer estar satisfeita, podemos perceber que Coraline não está totalmente confortável com toda aquela situação.

> Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror, e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que, em geral, coincide com aquilo que angustia. Entretanto, pode-se esperar que exista um determinado núcleo, que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica (Freud, p. 53).

Os seres vivos que integram o mundo que a Outra Mãe cria são todos feitos de areia. O Outro Pai, os outros vizinhos, os camundongos são bonecos preenchidos com areia. O que pode ser uma referência ao conto de E.T.A. Hoffman que é abordado no ensaio de Freud. Além disso, todos eles correspondem a uma fantasia ideal de Coraline, já que eles, em sua maioria, são artistas. Portanto, no Outro Mundo, todos eles fazem arte com o objetivo de entretê-la. Isso pode ser pensado em um complexo narcísico, visto que, de alguma forma, ela não se sente amada ou atendida pelos pais. Com isso, há uma necessidade de que em outro mundo, em sua fantasia, tudo seja ligado a ela.

Os olhos de botão também trazem uma perspectiva a ser analisada. Todos nesse outro mundo têm botões pregados no lugar dos olhos, como uma representação simbólica da castração. Para ter tudo, Coraline precisaria abrir mão dos seus olhos e colocar botões no lugar. Ou seja, podemos pensar então, na teoria do complexo de castração. Freud pontua que no mito de Édipo, ele arranca seus olhos, porque é incapaz de contemplar o que fez, ou seja, ter matado seu pai e casado com a mãe. O ato de tirar os olhos pode estar ligado a um complexo de castração, visto que ela precisa entregar os olhos para ter seus desejos atendidos. Porém, na verdade, isso era uma armadilha, entregá-los faria com que ela ficasse naquele mundo para sempre. Não só sua recusa, mas o resgate dos olhos das crianças traz uma ideia de resgate do que ela precisava reencontrar.

> Ao contrário, a experiência psicanalítica nos lembra que uma angústia assustadora das crianças é o medo de machucar ou perder os olhos. Em muitos adultos, essa angústia permanece, e eles não temem tanto ferir outro órgão quanto os olhos. É também costume dizer que se protegerá algo como se fosse a menina dos olhos. O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos nos ensinou que a angústia relativa aos olhos, o medo de ficar cego é, com frequência, um substituto do medo da castração. Também o ato de cegar a si mesmo do mítico criminoso Édipo é apenas uma redução da punição pela

> castração, que, de acordo com a Lei de Talião, deveria ser-lhe atribuída (Freud, p. 64).

É possível perceber como o filme trabalhou os conceitos psicanalíticos em uma ideia mais voltada para um público infanto-juvenil. De um modo lúdico, há uma escolha dos criadores da obra em abordar de uma forma um pouco mais fácil, conceitos que são lidos e estudados em outras esferas da vida. O modo que Coraline lida, não só com os pais, mas com a falta de amor dos dois, a forma que há uma escolha de brincar com a ideia de ficar sem os olhos, os bonecos muito parecidos, o conceito de um outro, duplo, que é muito familiar, mas que ao mesmo tempo também não é. É muito comum que possamos perceber esse tipo de abordagem no cinema de horror, e principalmente, quando falamos do horror infantil, que precisa seguir regras diferentes, e criar um mundo da imaginação, mas que possa trazer a ideia de medo, angústia e incômodo nas crianças. Afinal, apesar de sabermos que existe uma rejeição, por parte dos adultos, em lidar com esses sentimentos, eles precisam ser vividos, trabalhados, ensinados e pensados, e acima de tudo, não podemos ignorar que como todos os seres humanos, até as crianças vão experimentá-los.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. In: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.

CORALINE, Dirigido por Henry Sellick. EUA: Paramount Pictures. 2009.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar [Das Unheimliche]- Edição Comemorativa Bilíngue (1919-2019). São Paulo: Autêntica, 2019.